

## *Maria Antonieta*. conexões entre moda, cinema e negócios

*Patrícia Sant'Anna*<sup>1</sup>

*Letícia Homsí Expressão*<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo traz uma abordagem sobre as intersecções entre moda e política, presentes na vida da última rainha da França, Maria Antonieta. Por meio da análise do filme da diretora Sofia Coppola - lançado em 2006 no Festival de Cannes – mostraremos que Antonieta fez da moda, um instrumento político, traçaremos paralelos entre a vida da rainha e o modo como construiu sua imagem por meio do vestuário e, como isto resultou em implicações que culminaram com a Revolução Francesa e com a queda do Antigo Regime. Além de, também discutirmos como a monarca ainda hoje influencia a moda e também como o filme – que é uma recriação contemporânea do imaginário francês do século XVIII, faz referências explícitas à contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Maria Antonieta, Sofia Coppola, Cinema, Moda, Negócios

### INTRODUÇÃO

Ao ser informada de que o povo francês estava faminto, Maria Antonieta, com o desdém conjugado das dinastias que representava – os Bourbon e os Habsburgo –, respondeu com a tirada famosa: "Se não têm pão, que comam brioche". A frase cuja autoria foi atribuída à Maria Antonieta jamais foi pronunciada por ela. De acordo com a historiadora inglesa Antonia Fraser<sup>3</sup> - autora do livro *Maria Antonieta: biografia*<sup>4</sup> – diz que

---

<sup>1</sup> Doutora em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Professora dos cursos de Design de Moda e Negócios da Moda na Universidade Anhembí Morumbi.

<sup>2</sup> Discente do 8º semestre do curso de bacharelado em Negócios da Moda com habilitação em Marketing da Universidade Anhembí Morumbi. Atualmente é estagiária da Editora Abril, onde atua como repórter de Beleza da Revista Estilo.

<sup>3</sup> Nascida Antonia Margaret Caroline Pakenham em 27 de agosto de 1932 em Londres na Inglaterra. Tornou-se uma das biógrafas mais conceituadas sobre a última rainha da França. Também ficou conhecida por desde 1969 publicar biografias de vários reis e rainhas e nobres ingleses como Mary Queen of Scots que ganhou o

a mesma sentença já havia sido atribuída a uma princesa espanhola que se casou com Luís XIV, cerca de um século antes de Maria Antonieta pisar em Versalhes. E continuaria sendo atribuída a várias princesas nos 100 anos seguintes – até ter a autoria atribuída à nobre de origem austríaca, provavelmente por força da propaganda dos revolucionários que a levaram à guilhotina em 1793.

Outro fato que contradiz à autoria da frase está no livro *Confissões*, de Jean-Jacques Rousseau<sup>5</sup>, publicado pela primeira vez em 1778, em que o filósofo francês escreveu: “Recordo-me de uma grande princesa a quem se dizia que os camponeses não tinham pão, e que respondeu: ‘Pois que comam brioche’.” Uma carta de Maria Antonieta à mãe, escrita na época de sua coroação, revela preocupação da nova rainha com a situação dos mais pobres: “Tendo visto as pessoas nos tratarem tão bem, apesar de suas desgraças, estamos ainda mais obrigados a trabalhar pela felicidade deles”.

A personagem controversa da última rainha da França povoa o imaginário de quem já ouviu falar dela, como sendo uma soberana inseqüente, e por gastar sempre muito além do que era destinado à aquisição de vestidos, sapatos, jóias e à manutenção do visual – gastos que incluíam enormes penteados e maquiagem.

Neste artigo trataremos do imaginário francês do séc. XVIII, mais precisamente o modo como ele foi recriado na contemporaneidade por meio da análise da composição visual do filme *Maria Antonieta*. Analisando as biografias daquela que foi a última rainha da França, analisaremos primeiramente a relação política que construiu com a moda.

Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, no livro *Ensaio sobre a análise fílmica* (1992, p. 120), dissertam que a hipótese diretriz de uma interpretação sócio-histórica é de que um filme sempre remete ao presente ou faz referência à ele em seu contexto de produção. O filme *Ligações Amorosas*<sup>6</sup> do diretor Roger Vadim<sup>7</sup>, adaptado do romance do escritor

---

prêmio **James Tait Black Memorial Prize**. Seu livro *Maria Antonieta: biografia* inspirou a diretora Sofia Coppola a escrever o roteiro do filme *Maria Antonieta*.

<sup>4</sup> *Maria Antonieta: Biografia*, publicado em 2006 pela Editora Record.

<sup>5</sup> Jean-Jacques Rousseau (Genebra, 28 de Junho de 1712 — Ermenonville, 2 de Julho de 1778) foi um importante filósofo, teórico político e escritor suíço. É considerado um dos principais filósofos do iluminismo. É também um precursor do romantismo. Em sua obra *Confissões*, responde a acusações de François-Marie Arouet (Voltaire) dirigidas à sua pessoa. Politicamente, expõe suas ideias no *Do contrato social/Contrato Social* – uma de suas obras mais conhecidas - em que procura um Estado social legítimo, próximo da vontade geral e distante da corrupção. A soberania do poder, para ele, deve estar nas mãos do povo, através do corpo político dos cidadãos. Segundo suas ideias, a população tem que tomar cuidado ao transformar seus direitos naturais em direitos civis, afinal "o homem nasce bom e a sociedade o corrompe".

<sup>6</sup> *Ligações Perigosas* traduzido do original *Les Liaisons Dangereuses* (Itália, França, 1959).

<sup>7</sup> Nasceu em 26 de janeiro de 1928 na França e morreu em 11 de Fevereiro de 2000. Foi ator, roteirista, diretor e escritor. Foi ele também quem lançou Brigitte Bardot à fama.

Pierre Ambroise François Choderlos de Laclos, lançado originalmente em 1959 na França, aborda as relações sexuais entre seus personagens. Deve-se destacar o fato de que os anos 1960 são lembrados pela discussão de novos valores, comportamentos e também o início da liberação sexual (ou, de acordo com Edgard Morin<sup>8</sup> (1986), acontece aqui a liberalização dos costumes e o enfraquecimento das proibições erótico-sexuais, tanto na vida dos comuns, como nos espetáculos da época), e o surgimento da pílula anticoncepcional. Outra adaptação do romance para o cinema, *Ligações Perigosas*<sup>9</sup> de Stephen Frears<sup>10</sup> foi lançada em 1988, época em que se questionava essa liberação.

Vejamos então, alguns tipos de personagens que também ilustram bem situação. Vampiros aparecem nos filmes, quando o mito da juventude eterna, exaustivamente explorado na mídia, seja pelas facilidades de tratamentos e cirurgias estéticas ou a explosão no mercado de cosméticos *antiage* são notícias. Já os filmes sobre Cleópatra geralmente são lançados quando o poder e força das mulheres são debatidos.

Não é de se estranhar então, que no momento em que o filme Maria Antonieta foi lançado, o assunto predominante na mídia seja o vazio e a superficialidade dos jovens atuais e também a exploração ao máximo do fenômeno das celebridades.

Além disso, o que se vê nas revistas e mídia em geral é que esta é a era das celebridades, em que os famosos não são mais apenas aqueles que realizam atos heróicos ou feitos inacreditáveis. Nos últimos anos, ver e ser visto virou uma obsessão e os famosos ou aspirantes atuam na lógica de que “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, p. 16-17, 2000).

Se juntarmos as características acima descritas, reunimos aqui as principais características que definem o perfil de Maria Antonieta: uma vida de celebridade<sup>11</sup> que tentava preencher o vazio, criando uma imagem que a lançou na história como um ícone de moda e a fez das personagens mais controversas da história francesa, que resultaram em sua morte no ano de 1793.

---

<sup>8</sup> Autor do livro *Cultura de Massas no Século XX – O espírito do Tempo – 2: Necrose*, do qual tiramos a explicação.

<sup>9</sup> Do original *Dangerous Liaisons* (EUA, Inglaterra, 1988).

<sup>10</sup> Nascido em 20 de junho de 1941 em Leicester na Inglaterra. É considerado um das 100 nomes mais influentes da cultura inglesa atualmente.

<sup>11</sup> Surge com o advento do nascimento da indústria cinematográfica de Hollywood, transforma em celebridades heróis, reis, playboys, exploradores e artistas – como disse Edgar Morin no livro de 1986, *Cultura de Massas dos Século XX- O espírito do Tempo – 1: Neurose*, e na atualidade lança à “fama”, ou pelo menos ao conhecimento da massa, aquele que colocar um vídeo no site YouTube.

Caroline Weber, autora do livro *Rainha da Moda: como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução* (2008), diz que obsessivamente monitorado pelos que a cercavam (como hoje os *paparazzi*, fazem com as celebridades), o estilo heterodoxo de Maria Antonieta incitava uma reação violenta entre cortesãos que se opunham vigorosamente à sua ascensão e se irritavam como o modo como ela contestava veneráveis costumes reais. A história das preferências reais da monarca em relação ao vestuário ainda pode, contudo ser compilada a partir de uma variedade de fontes<sup>12</sup> do século XVIII: de retratos formais a charges satíricas, de revistas de moda a panfletos pornográficos e das lembranças de seus contemporâneos aos livros contábeis de fornecedores de roupas e da administradora de ser guarda-roupa.

## ROCK & ROLL: A TRILHA SONORA DÁ O AR DE JUVENTUDE QUE DOMINA O FILME

A trilha sonora com *rock* dos anos 1980 (década da adolescência de Sofia Coppola) se mostra bastante adequada ao clima de rebeldia e inconseqüência que toma conta da princesa. Reverenciando o vazio e a futilidade, a eterna busca adolescente do prazer é o que passa a dar sabor aos dias de Antonieta. Seus excessos constituem uma reação ao formalismo e à etiqueta sufocante de Versalhes. A opção por uma trilha sonora moderna visa a aproximar a saga da rainha do cotidiano dos adolescentes contemporâneos, e dos jovens adultos da geração de Sofia Coppola.

Um fato curioso, que deve ser mencionado é que nos extras do filme, na seção *Making Of*, a diretora, diz que as bandas do começo da década de 80 – época em que ela era adolescente – tinham uma ideia romântica do século XVIII, e que sempre foi um desejo dela adentrar esse espírito romântico, e decadente, daquelas bandas adolescentes que por meio das cores e das músicas refletiam esse espírito.

Um exemplo claro disso, é que para compor o visual do personagem Conde Fersen, personagem do ator Jaime Dornan (figura 1), a diretora se inspirou no cantor Adam Ant

---

12 Alguns desses documentos podem ser facilmente encontrados nos sites de museus e bibliotecas como: Gallica, biblioteca francesa: <http://gallica.bnf.fr/>; Museu do Palácio de Versalhes: <http://en.chateauversailles.fr/discover-estate>; Museu do Louvre: <http://www.louvre.fr/llv/commun/home.jsp>; o canadense Royal Ontário Museu, que é um dos poucos museus no mundo que têm em seu acervo peças de roupas da rainha, já que quase todas as roupas de Antonieta foram destruídas pelos revolucionários franceses, como forma de aniquilar o Antigo Regime: <http://www.rom.on.ca/media/podcasts/display.php?id=73>; o britânico The British Museum: [http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_objects/pd/j/jean-francois\\_janinet\\_marie\\_a.aspx](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pd/j/jean-francois_janinet_marie_a.aspx); e o americano Metropolitan Museum: <http://www.metmuseum.org/search/iquery.asp?command=text&datascope=all&attr1=marie+antoinette&x=6&y=11>

(figura 2), que na década de 1980 vestia-se com roupas que remetiam aos nobres franceses da segunda metade do século XVIII.



Figura 1



Figura 2

Fotos: divulgação

A seqüência de abertura do filme traz os primeiros acordes de guitarra elétrica. A canção “*Natural’s Not in It*”, da banda **Gang Of Four** traz versos bastante significativos<sup>13</sup>:

*The problem of leisure*  
*What to do for pleasure*  
*Renounce all sin and vice*  
*Dream of the perfect life*  
*This heaven gives me migraine*  
*No escape from society*  
*Natural is not in it*  
*Your relations are of power*  
*We all have good intentions*  
*But all with strings attached*

Temos, aqui, um vislumbre dos temas do filme: a rebeldia adolescente, a tentativa de fugir a qualquer custo do tédio e a conseqüente busca do prazer e, sobretudo, a frustração diante das amarras da sociedade, que impossibilitam a realização plena do jovem (“*Não há escapatória da sociedade*”). O verso “*O sonho da vida perfeita*” casa

<sup>13</sup> Em livre tradução: “O problema do lazer, O que fazer pelo prazer, Renuncie a todo o pecado e vício, O sonho da vida perfeita, Este paraíso me dá enxaqueca (...) Não há escapatória da sociedade, O natural não é isso, Suas relações são de poder, Nós todos temos boas intenções, Mas sempre com segundas intenções”



perfeitamente com a Antonieta do filme, uma jovem que vive a utopia do hedonismo absoluto.

O título do filme faz clara referência à capa do primeiro disco da banda *punk* britânica **Sex Pistols**; *Never Mind The Bollocks* que fez sucesso no fim da década de 70 e trazia o nome da banda grafado também sobre uma faixa rosa diagonal.



Figura 3



Figura 4

Fotos: divulgação

Outra canção que deve ser citada é “*I Want Candy*”, em interpretação do **Bow Wow Wow**, banda do começo da década de 1980. A canção aparece na seqüência em que Antonieta escolhe roupas e sapatos. O refrão “*Eu quero doce*” se torna uma espécie de lema de Antonieta, que havia acabado de ter uma crise de choro após ser humilhada por não conseguir gerar um herdeiro.

De certa forma, é como se Antonieta, frustrada, resolvesse seus problemas como uma adolescente (visto que adolescência é uma criação contemporânea e não existia esse período de transição lenta e gradual da infância para a vida adulta). vazia e fútil, superficial - que chamamos hoje de “patricinha”: fazendo compras. Ao se debruçar sobre a infinidade de sapatos, jóias, doces e vestidos, ela revela sua recém-tomada decisão (talvez inconsciente) de tentar esquecer a questão problemática do herdeiro e aproveitar a parte doce da vida. Essa seqüência, portanto, expressa a mudança de estado de espírito da jovem, que se torna, então, ainda mais hedonista, em um total deslumbramento com a vida na corte.



Os doces que eram servidos, enquanto a rainha e suas damas de companhia escolhiam sapatos e tecidos para novos vestidos.

Foto: divulgação

Essa opção também esclarece, de antemão, que o que estamos assistindo é uma interpretação pessoal, uma adaptação livre dos acontecimentos, sem preocupação com precisão histórica. A brincadeira de Sofia Coppola em colocar um par de tênis *All Star* em uma das cenas, simboliza que Antonietta poderia ser uma adolescente contemporânea. Além de também deixar o espectador avisado de que, definitivamente, não está assistindo a um filme de época convencional, mas a uma história contada através do filtro subjetivo da realizadora, uma versão estilizada e *pop* ou com elementos de *pop art*<sup>14</sup> da história verdadeira.

---

<sup>14</sup> Ou mesmo *pop art* como o tema da repetição que vemos no vestido com a mesma estampa que o ecrã ou papel de parede do quarto da rainha em Versailles, como podemos ver na figura 6.



Figura 5

Foto: divulgação



Figura 6

Foto: divulgação

Porém, no filme predomina a lentidão, e a narrativa em geral é quase arrastada, passando bem longe da estética e do ritmo acelerado a que os adolescentes de hoje estão acostumados, após duas décadas de videoclipes e MTV. Ou seja, *Maria Antonieta* é um filme sobre os adolescentes modernos em seu conteúdo e temática, mas não em sua forma. Passa bem distante do estilo videoclipe dos filmes de Baz Luhrmann (*Moulin Rouge*, 2001, e *Romeu + Julieta*, 1996), que também mesclam uma trilha sonora contemporânea a uma



trama de época. Outro caso é *Coração de Cavaleiro* (*A Knight's Tale*, 2001), que conta a história de um cavaleiro medieval em cenas animadas por “*We Will Rock You*”, da banda **Queen**, em uma espécie de videoclipe em película. Sofia Coppola usa a música anacrônica, remetendo a um universo juvenil, mas não o faz como os filmes anteriores, apesar de se aproximarem do universo jovem, aqui a história de aproxima de filmes como a Duquesa (*The Duchess*, 2008) e Ligações Perigosas (*Dangerous Liaisons*, 1988).

## ROCOCÓ X CONTEMPORÂNEO: COMPOSIÇÃO VISUAL DO FIGURINO E CENOGRAFIA

A seqüência marca o momento da transformação da personagem: de adolescente indefesa à Maria Antonieta que causou tanta polêmica. Ela passa a usar sua posição de soberana para criar uma vida de sonho. Seu maior deleite passa a ser a construção, dia após dia, de sua imagem glamourosa. Nesta seqüência é introduzido o personagem Léonard, o cabeleireiro responsável pela edificação dos *poufs* de Antonieta. Ele exclama, diante de sua própria criação, um *pouf* repleto de borboletas e passarinhos de brinquedo (inclusive com um ninho de pássaro): “Ravishing” (“Encantador”). E ela, exultante, contempla-se no espelho<sup>15</sup> e pergunta ao cabeleireiro, fazendo poses: “It’s not too much, is it?” (“Não está demais, né?”). Ele diz que não, e ela fica plenamente satisfeita com o penteado marcado pelo excesso tipicamente rococó.

Neste sentido, a orientação recebida pela figurinista italiana Milena Canonero<sup>16</sup> de “*buscar um equilíbrio, nos figurinos, entre a reconstituição histórica e o que melhor servia à visão de Sofia como diretora*” espelha a decisão de não reproduzir com rigor científico os costumes da época. “*Sofia não queria um ‘tableau vivant’ da época. Queria alguma coisa de contemporâneo, um frescor. Fugimos à representação tradicional de Marie Antoinette*”, explicou a figurinista, na coletiva em Cannes. De fato, o filme mostra vestidos hoje impressionantes, mas que não chegam perto da extravagância da verdadeira Antonieta: seus vestidos de festa, com armações nos quadris que mediam quase quatro

---

<sup>15</sup> Para se ter idéia do grau de extravagância da corte, para montar os *poufs*, penteados que eram verdadeiras esculturas, Léonard montava uma estrutura de arame recoberta de tecido, lã, crina de cavalo e gaze e a prendia na cabeça de sua cliente. A estrutura era disfarçada com o próprio cabelo da mulher, e se mantinha em pé graças a pomada e muito talco. Os piolhos ali eram frequentes, e por isso as damas possuíam “coçadores” adornados com pedras preciosas. Os *poufs* de Maria Antonieta eram temáticos. Tornaram-se célebres o *pouf à l’inoculation* (uma serpente enroscada numa oliveira e, atrás, um sol, para celebrar a decisão de Luís XVI de se vacinar contra a varíola), o *pouf à l’independence* (em homenagem à independência americana).

<sup>16</sup> Ganhadora de 3 OSCAR® de Melhor Figurino por *Barry Lyndon* em 1975, *Carruagens de Fogo* em 1981 e por *Maria Antonieta* em 2006.

metros de uma extremidade à outra, eram revestidos com pedras preciosas e adornados com apliques, laços, rendas e peles, em extraordinárias criações de Rose Bertin<sup>17</sup>, costureira que a delfina transferiu de uma loja em Paris para dentro de Versalhes. Esse nível de extravagância foi retratado no filme *Marie Antoinette* de 1938<sup>18</sup>.



Os vestidos usados no filme, e o quadro de Elizabeth-Louise Vigée-Le Brun retratando o período Áureo da rainha.

Fotos: divulgação

*Marie Antoinette* tem a predominância de cores claras e de tons pastéis — marcantes na filmografia de Sofia Coppola, contribuindo para tornar os seus filmes ainda mais “femininos”. Uma das seqüências que mais exploram a claridade é a do nascer do sol após a festa de aniversário de dezoito anos da recém-coroadada Antonietta: ela e seus amigos mais chegados assistem ao alvorecer nos jardins de Versalhes, e a fotografia trabalha a luz de tal forma, que os personagens ganham o aspecto de fadas, com suas capas de nobres assemelhando-se a asas de seres mágicos.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Rose Bertin abriu sua loja, Le Grand Mogol, na Rue Saint-Honoré, em 1770 e rapidamente encontrou clientes entre as influentes nobres damas de Versalhes, incluindo a delfina. Chamada de "ministra da Moda", por seus desafetos, foi responsável por quase todos os vestidos da Rainha. O nome Bertin se tornou sinônimo da elegância da alfaiataria e do excesso de Versalhes. A estreita relação entre as duas serviram como pano-de-fundo para a nova significação social e política da moda na corte francesa. Seus grandes e suntuosos vestidos asseguravam que aquela que os vestisse, ocupasse um espaço três vezes maior que seu companheiro, tornando a figura feminina imponente, dotada de presença impossível de passar despercebida. Suas criações também estabeleceram a França como o centro da indústria da moda e, a partir de então, os vestidos feitos em Paris, foram enviadas para diversos lugares do mundo.

<sup>18</sup> W.S Van Dyke, *Marie Antoinette* (Marie Antoinette), colorido, EUA, 1938.

<sup>19</sup> Esta é apenas uma das seqüências do filme que exploram o amanhecer. Trata-se de algo recorrente nos filmes da diretora, refletindo, como vimos, o despertar para a vida de suas jovens protagonistas.

## A RAINHA E O ÍCONE DE MODA

De acordo com a pesquisadora americana Caroline Weber, autora de *A Rainha da Moda: como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução*, Antonieta: “utilizava a moda como um instrumento político, como forma de aumentar ou sustentar sua autoridade em momentos em que ela parecia estar sob risco”.

Era através da aparência, portanto, que Antonieta se mostrava como soberana: acima de qualquer outra mulher na França. Ao contrário de soberanas como Cleópatra ou Elizabeth I, Antonieta não se vestiu para intimidar; ela se produzia para deslumbrar; nos bailes a fantasia procurava sempre os trajes mais suntuosos, que a fizessem ser destaque na multidão. Dessa forma, todos os olhares estariam sobre a rainha, e alguns dias mais tarde seu visual seria copiado pelas mulheres de posse da França, fossem elas nobres ou burguesas. Nunca antes uma rainha da França havia se mostrado glamourosa. Costumavam ser discretas. Antonieta ousou se impor na corte através do visual, e durante um bom tempo foi bastante admirada e imitada, como uma celebridade atual ou como Lady Diana no Reino Unido. Tornou-se a referência máxima em moda: era ela quem ditava as tendências em vestidos, penteados e maquiagem. E, era copiada pelas nobres de Versalhes de Paris e também pelas burguesas endinheiradas da época.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: MODA, POLÍTICA E NEGÓCIOS

A elipse de toda essa explosiva conjuntura econômica e política é uma decisão bastante ousada da cineasta. Ao retratar apenas o microcosmo de Versalhes, Sofia Coppola busca demonstrar que a nobreza cortesã havia chegado a um limite de extravagância e de esbanjamento, e que o rei era completamente inapto para o cargo, resultando numa situação insustentável, cujas conseqüências não poderiam ter sido diferentes. Qualquer que tenha sido o fim de Maria Antonieta, o que conta aqui é que a última rainha da França, apesar de toda a imagem controversa que a tornou uma lenda, é hoje reconhecida como um importante personagem da história da moda, e assim o foi desde que se reinventou para demonstrar poder e destacar-se entre a nobreza francesa que a cercavam, mesmo que este poder não seja utilizado para a governança da França e sim para a criação de um microcosmo no qual ela era o centro.

Atingiu tal destaque, que era copiada em tudo o que usava. Era copiada tanto por nobres quanto por burgueses, desta maneira, chapéus, penteados e vestidos usados por ela

eram ponto de referência para as mulheres pertencentes às classes mais abastadas não só da França, mas de toda a Europa e mesmo América. Uma posição que antes pertencia à amante favorita do rei, foi totalmente ofuscada pela austríaca, seja pelo marido que não tinha interesse por amantes ou pela vontade arrebatadora de ser respeitada e impor-se. O que Antonietta fez em relação à aparência foi um chocante desvio do costume cortês estabelecido.

Referindo-se ao desfecho trágico da rainha, poderíamos usar a frase de Michael Ondaatje e seu personagem Billy the Kid que dizia “O sangue foi um colar para mim toda a minha vida”. Maria Antonietta poderia muito bem ter apropriado a fala. Pouco tempo depois que a guilhotina cortou a versão sangrenta de um colar em seu pescoço, as mulheres bem nascidas de Paris passaram a atar finas fitas vermelhas em torno do pescoço como lembretes do que logo poderiam sofrer. Ou seja, até na morte a rainha afirmou um vínculo poderoso entre moda, morte e política.

Centenas de anos mais tarde, a rainha ainda influencia a moda, gerando incontáveis lucros. Seja por servir de inspiração para vitrines em grandes lojas das principais capitais de moda, como a *Barney's* em Nova York, cujos feitos mais notáveis são do Natal de 2005 e de 2010, seja pela silhueta do modelo exposto na vitrine ou pela alusão direta à personagem histórica. A figura de cima da vitrine de 2010 faz alusão à silhueta usada no século XVIII e a figura debaixo faz referência explícita à rainha: tanto pela cabeça distante do corpo, como pela silhueta e também pela frase que ela supostamente teria dito e irritado tanto os franceses: “Se não tem pão, que comam brioches.”



Vitrine da loja Barney's em Dezembro de 2010 e em Dezembro de 2005

Fotos: divulgação



O estilista de sapatos criou uma coleção com o nome da rainha. A linha era exclusiva, limitada e só foi comercializada na França:



Foto: divulgação

## Referências Bibliográficas

- BOUCHER, François. *História do Vestuário no Ocidente*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- CONTI, Flavio. *Como reconhecer a arte Rococó*. Lisboa, Edições 70, 1978.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2000.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FRASER, Antonia. *Maria Antonieta*. São Paulo: Record, 2007.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LEVER, Evelyne. *Marie Antoinette: The last Queen of France*. London: Portrait, 2006.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX – O Espírito do Tempo, 1: Neurose*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 2002
- RACINET, Auguste. *The complete costume history*. Taschen, New York, 2007.
- ROCHE, Daniel. *A Cultura das aparências: Uma História Da Indumentária (século XVII-XVIII)*. São Paulo; Editora Senac São Paulo, 2007
- VANOYE, Francis e GOLIOT-LETÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. 2ª edição. São Paulo: Papirus Editora, 2002.
- WEBER, Caroline. *Rainha da Moda: Como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2008.

## Filmografia

DIB, Saul. *A Duquesa (The Duchess)*, colorido, ING, ITA, FRA, EUA, 2008.

FREARS, Stephen. *Ligações Perigosas (Dangerous Liaisons)*, colorido, EUA, ING, 1988.

HELGELAND, Brian. *Coração de Cavaleiro (A Knight's Tale)*, colorido, EUA, 2001.

KUBRIC, Stanley. *Barry Lyndon (Barry Lyndon)* colorido, EUA, ING, 1975.

LUHRMANN, Baz. *Romeu e Julieta (Romeo + Juliet)*, colorido, EUA, 1996.

SHYER, Charles. *O Enigma do Colar (The affair of the necklace)* colorido, EUA, 2001).

VAN DYKE, W.S. *Marie Antoinette (Marie Antoinette)*, PB, EUA, 1938.